

## Marginalidades em destaque: a lírica baixadense contemporânea

Idemburgo Pereira Frazão<sup>1</sup>  
Carlos Eduardo de Almeida Dias<sup>2</sup>

### Resumo

Intenta-se, no presente artigo, refletir acerca de alguns aspectos da produção literária da Baixada Fluminense, analisando a poesia e a atuação artística de autores como Ricardo Rodrigues e Moduan Matus. Tal reflexão se insere em uma temática mais ampla denominada "Literatura e Marginalidades". Iluminar aspectos identitários culturais, como o aqui se pretende, significa, simultaneamente, ampliar o conhecimento sobre questões culturais e dialogar indiretamente com problemas relacionados à cultura ocidental como um todo. A diversidade cultural brasileira tem sido estudada em inúmeros campos, desvelando ou "revelando brasis". O estudo aqui realizado encontra sua pertinência, principalmente na necessidade de superar dificuldades para se encontrar acervos da produção literária baixadense. Em alguns municípios como São João de Meriti, Duque de Caxias e Nova Iguaçu, por exemplo, existem vários grupos que desenvolvem trabalhos poéticos, mas são pouco conhecidos nos meios acadêmicos e, muitas vezes, mesmo em suas comunidades. Alguns dos autores baixadenses já conseguiram certa projeção, mas a crítica não tem, efetivamente, centrado atenções na existência de uma produção literária na Baixada Fluminense. É preciso afirmar, ainda, que o presente artigo apenas puxa fios tênues de um tecido amplo e rico em nuances, aqui centrados em curto diálogo com a poesia marginal dos anos 1970.

**Palavras-chave:** Poesia da Baixada Fluminense, poesia marginal, marginalidades

### Abstract

This article aims to reflect about some aspects of the literary production of the Baixada Fluminense, analyzing the poetry and artistic work of authors like Ricardo Rodrigues and Moduan Matus. Such reflection is inserted in a wider theme called "Literature and Marginalities". Illuminating aspects of cultural identity, as here, means, simultaneously, to expand the knowledge about cultural issues and engage in dialogue, indirectly with problems related to Western culture as a whole. Brazilian cultural diversity has been studied in numerous fields, unveiling or "revealing brasis". The study performed herein finds its relevance, especially in the necessity to overcome difficulties to find collections of literary production from Baixada. In some cities such as São João de Meriti, Duque

<sup>1</sup> Professor do programa em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio. E-mail: idfrazao@uol.com.br

<sup>2</sup> Professor da Universidade Unigranrio

de Caxias, Nova Iguaçu, for example, there are several groups that develop poetic works, but they are little known in academia, and, often, even in their communities. Some of the authors from Baixada have a certain projection, but the criticism has not effectively focused attention on the existence of a literary production in the Baixada Fluminense. We must affirm, yet, that this article only pulls tenuous wires of a broad tissue and rich in nuances, herein centered in short dialogue with marginal's poetry of the 1970's.

**Keywords:** Poetry of Baixada Fluminense, marginal poetry, marginalities

## Introdução

Pretende-se, no desenvolvimento do presente texto, criar uma espécie rastreamento da lírica da Baixada Fluminense, realizando o que se poderia denominar uma sintética e inicial cartografia da literatura baixadense, a partir de análises e comentários sobre algumas obras literárias, como as de Ricardo Rodrigues, Moduan Matus. Os comentários acerca das obras e da atuação literária de atores sociais locais têm como intenção mais ampla fornecer subsídios para o estudo não apenas de textos literários, mas da própria identidade local. Em meio à fluidez cotidiana, inserindo as reflexões em um escopo maior, relacionado à tomada de conhecimento sobre as diferenças locais, propiciando a desconstrução da visão monolítica acerca da produção literária brasileira, os estudos aqui empreendidos advêm, em sua maior parte, da vivência com os atores sociais e artistas implicados.

De certa maneira, pode-se afirmar que se realiza, concomitantemente, um estudo sobre identidades e marginalidades (MARTIM, 2008)<sup>3</sup>, já que não se costuma inserir (e aprofundar análises) em estudos acadêmicos, os poetas da Baixada. É importante ressaltar, entretanto, que os estudos acerca da poesia da periferia já têm sido objeto de estudos de vários autores, como a conhecida estudiosa da literatura e proprietária da editora Aeroplano, Heloísa Buarque de Hollanda, em várias de suas obras. (HOLLANDA, 1998; 2004) No que diz respeito aos autores da Baixada, não se pode deixar de mencionar também que já começa a haver interesse em conhecer melhor a produção cultural baixadense, como é o caso do presente artigo.

---

<sup>3</sup> O estudo sobre Marginalidades na literatura iniciou-se com esta obra. Hoje, amplia-se o âmbito das reflexões, estudando a problemática da marginalidade. Por isso, utiliza-se a denominação Literatura e marginalidades, no plural.

Iluminar aspectos identitários culturais de autores da periferia significa, simultaneamente, no caso aqui destacado, ampliar o conhecimento acerca de aspectos globais. A diversidade cultural brasileira tem sido estudada em inúmeros campos, desvelando autores e obras importantes. Torna-se necessário que se comente, aqui, o fato de que, individualmente, há autores da Baixada Fluminense que já são citados pela mídia, ou mesmo por estudiosos como a já comentada Heloísa Buarque de Hollanda. Estes já possuem uma produção razoavelmente conhecida. O dado novo trazido por este artigo é a possibilidade de que se possa estudar a poesia baixadense nas instituições de ensino locais, principalmente, na Universidade. Como se pode perceber, o estudo aqui realizado encontra sua pertinência na necessidade de se conhecer um pouco mais da arte produzida longe dos grandes centros e de se perscrutar no silêncio do preconceito velado as qualidades textuais das obras.

### **A literatura em movimento(s)**

Inicia-se, aqui, uma sintética e modesta organização de certa cartografia da lírica baixadense contemporânea, mencionando o município de São João de Meriti, que possui a ALAM, Academia de Letras e Artes Meritiense; e Nova Iguaçu, o grande centro de encontro de poetas da região da Baixada Fluminense. Em São João, o Professor Gênesis Tôrres é um dos pioneiros nas pesquisas que dizem respeito às expressões culturais, sobretudo à literatura, mesmo porque ele faz parte deste grupo, com a publicação de cinco livros, entre eles *Em busca da memória*, um livro de crônicas que aborda vários aspectos culturais do Município de São João. Mas não é só esse tipo de narrativa que se destaca nesta obra. No final de seu livro, ele nos presenteia com mais de trinta poesias. Professor Gênesis, com seu conhecimento, tenta ampliar os horizontes dos poetas meritienses no âmbito acadêmico, levando livros e nomes as suas palestras.

Em Nova Iguaçu, há uma grande concentração de poetas que se reúnem semanalmente, não apenas para discutir, mas também para divulgar seus trabalhos; e mostrar suas ideias uns aos outros. Atualmente, o grupo mais ativo nesta área é o “Desmaio Público” que, em suas apresentações, misturam teatro com poesia e fazem “contação de história” e leituras dramatizadas com seus textos.

O professor Guilherme Peres é um dos pioneiros na poesia baixadense, estreando sua obra com o livro *A viagem dos tropeiros*, recheado de trovas que contam histórias das viagens dos tropeiros por esses lados da baixada. Outro importante poeta é o já falecido meritiense Mário Marinho, que deixou poesias cheias de humor, elegância e conhecimento de mundo. Marinho, além de escrever belíssimas poesias, fundar e presidir o grupo Meriti Fazendo Arte, foi grande incentivador de novos autores na Baixada Fluminense durante anos. Noventino Antônio de Freitas, conhecido mais pela alcunha de Tony-Maneiro, hoje com mais de quatro publicações de poesia e uma de crônica, foi “tutorado” na arte de escrever pelo saudoso Marinho, bem como a também a falecida professora Elineide; o jovem poeta Evandro Júnior, entre outros. Marinho, sem dúvida, é um ícone da poesia meritiense.

Essa escola é muito mais intensa do que se imagina. O advogado Cláudio, mais conhecido pelo pseudônimo Lasana Lukata, deixou o mundo jurídico para enveredar de vez na literatura. Começou seguindo os passos de Mário Marinho, escrevendo poesias em verso e em prosa, até chegar às crônicas. Seus textos são tão bons que ele conseguiu uma cadeira na ALAM, mas não ficou muito tempo, porque além de talentoso para escrever, era muito ousado em seu texto; e algumas críticas não agradaram a outros membros da academia. Lasana é um poeta muito polêmico, contudo sua forma de escrever confirma tanto seu talento, que chegou a ser convidado algumas vezes pelo poeta Ferreira Gullar para fazerem alguns trabalhos juntos em algumas instituições como o SESC/RJ (Serviço Social do Comércio/RJ).

Na década de 1970, no momento em que a chamada poesia marginal tornava-se conhecida no Brasil (HOLLANDA, 1998), a poesia já fervilhava também em Nova Iguaçu com o grupo Calabouço. O poeta Iguaçuano Euclides Amaral foi testemunha de vários grupos e é um dos dinamizadores de muitos deles até hoje. Esse escritor possui um grande acervo de crônicas que relatam fatos acontecidos dentro dos grupos de poesia.

Na década de 1990, a agitação passou pelo Daniel's Bar, nos “Encontros com a Poesia”, na Casa de Cultura e na Praça José Hipólito, muitas vezes com o apoio da Prefeitura de Nova Iguaçu. Por essa época, surgiu ainda o zine “Desmaio Público”,

reunindo poetas novos e outros da “era glacial”, editado pela chancela Vício & Verso, ambos capitaneados por Cezar Ray e Eud Pestana.<sup>4</sup>

A Editora Vício & Verso, de cunho e contrato social mirabolante, além de publicar o *Desmaio Públiko*, lançou três livros: *Poesia de Final de Milênio*, de Moduan Mattos, *Adnuntun*, de Marlos Degamini, e *Moduan x Lírian Tabosa*, autoria de ambos. Em 2003, alguns poetas como Cezar Ray, Sil, Lírian Tabosa, Eud Pestana e Moduan Matos e outros “centauros da poesia” “galoparam” no evento “Ecos da Baixada”, no Sesc de Nova Iguaçu, e ainda deram piruetas poéticas por vários “points” de poesia no Estado do Rio de Janeiro, sempre pulverizando versos, “infernizando poesia e descabelando performances”.

No ano de 2005, uma outra ala do *Desmaio Públiko*, apresentou-se no evento de inauguração do Espaço Cultural Sylvio Monteiro (antiga Casa da Cultura), no Dia da Mulher. O evento, realizado pela Secretaria de Cultura da Cidade de Nova Iguaçu, com o apoio da Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (FENIG) e Coordenadoria Especial de Políticas para a Mulher, apresentou as poetas do *Desmaio Públiko Feminino*: Sil, Lírian Tabosa, Ivone Landim, Josi Lozada, Kátia Vidal e Ana Cajueiro.

### Conceitos e pré-conceitos

A poesia se dá nesta região cercada de estigmas e preconceitos, mas tal preconceito deve ser entendido enquanto “elemento identitário” do baixadense, que tem recebido, nas últimas décadas, reflexões nos espaços acadêmicos locais. Os estigmas herdados da problemática político social, que tem Tenório Cavalcante como ícone (BELOCH, 1986), dificulta bastante a percepção de que possa haver qualidade nas criações artísticas e nos eventos locais como um todo. Há um forte preconceito em relação à produção poética das cidades periféricas. Essa problemática não é uma particularidade baixadense. Pode-se, apoiando-se nos estudos de Homi Bhabha (1998), afirmar que tal problemática está ligada ao olhar eurocêntrico que faz com que a produção das periferias seja considerada menor. Mas a literatura na Baixada

---

<sup>4</sup> Sobre a poesia na Baixada Fluminense, ver: <http://www.youtube.com/watch?v=ksx9uhNuhbA>

Fluminense existe, sobretudo, pelo amor dos atores sociais locais à arte e à cultura. Os incentivos, se existem, são praticamente nulos. A maioria dos escritores desta região são autores independentes que, muitas vezes, tiram uma parte significativa de seu orçamento para fazer existir, de forma concreta, a poesia e outras formas de expressar suas ideias.

Pode-se citar aqui alguns nomes que há anos lutam para mostrar seus trabalhos: o poeta Valdemir, que já participou de antologias como *Antologia poética Meritiense*, mas ainda não conseguiu (em 2009) lançar um trabalho solo; o poeta Tony Maneiro, que migrou da Zona da mata Mineira para o Rio de Janeiro; Evandro Júnior, seguindo os passos de Tony, sendo influenciado por um grupo de poetas que não temem críticas e enfrentam a ausência de incentivo das instituições locais.

### **Ricardo Rodrigues**

Dar-se-á ênfase, aqui, nesse momento do artigo, à obra de Ricardo Rodrigues, que nasceu em São João de Meriti, estudou nessa mesma cidade e nela permanece ainda hoje. Deu continuidade aos negócios de seu pai, tornando-se empresário. Mas a paixão pela arte de modo geral é algo que impressiona quem o conhece. Ricardo se entrega de forma admirável àquilo que tem como parâmetro para enxergar a vida de maneira simples e responsável: a arte. Simples, porque tem a capacidade de transformar o prosaico em coisas belas, e responsável pelo fato de se preocupar com as mazelas do mundo.

Ricardo, desde muito novo, escreve poesias, contos e crônicas. Ele tem uma atração muito forte pelas narrativas. É aí que entra a sua participação adiantada da produção artística na Baixada Fluminense. Há dez anos, entrou um mendigo em um de seus estabelecimentos para comprar carne. Havia duas senhoras que não gostaram nada da presença daquele homem e começaram a reclamar. Seu funcionário perguntou se devia atender o morador de rua; e ele disse que sim, já que estava pedindo. Quando aquele homem saiu dali, entrou em cena o ar de escritor de Ricardo. Começou a pensar em toda aquela situação e tentou se colocar no lugar do homem. Então, tempos depois, surgiu o conto “O mendigo”, que mais tarde foi publicado em seu livro *Vidas obscuras*, em 2005. Neste mesmo ano, Ricardo fez um

curso de roteiro no centro da cidade do Rio de Janeiro com Walcir Carrasco. No término do curso, Walcir pediu que cada um mostrasse um roteiro para um curta metragem. Ricardo aproveitou a história que escrevera para seu livro e transformou em seu roteiro. Se ele não tivesse a coragem que o escritor da Baixada tem, o amor pela arte e a vontade de transformar os acontecimentos artísticos desse lugar, seria apenas uma apresentação de trabalho para o final de um curso.

A obra de Ricardo Rodrigues é plural. A linguagem que ele utiliza não é só literária; começa por aí e desemboca em outras formas de dizer o quanto ele gosta de fazer arte. Ele vive à espreita das situações do cotidiano, por isso a crônica também o atrai. O autor trabalhou no cerne de sua poesia, mesmo tendo como forma de produzir seus textos a crônica, conto, roteiro. Contudo, o que se percebe de mais importante ao pesquisá-lo é o prisma em que ele coloca as coisas. O conto é poético, portanto, seus filmes são poéticos. Certamente, muitos comungam com a visão do autor, todavia, esta não é a maioria.

Outro autor que merece menção aqui é Moduan Matus, pseudônimo de Edgar Vieira Matos, poeta nascido em Nova Iguaçu no ano de 1954. Dez anos depois, ano do golpe militar, ele já se preocupava em tentar revelar as coisas que o afligiam escrevendo seus versos. E foi assim, com a poesia, que ele começou a se mostrar. Em 1978, depois de ter percebido que escritor, mesmo com raro talento, que mora na Baixada Fluminense, de família simples, tem dificuldades de publicar seus trabalhos, resolveu escrever seus poemas nos muros e portas de estabelecimentos por toda a cidade. Saía com seus amigos à noite, depois, quando se despedia de todos, escrevia seus versos com giz pela cidade. Quando começou a ser notado por tal feito, resolveu estender sua obra pela cidade do Rio de Janeiro e até Niterói. A história deu tão certo - pelo menos para o que ele queria que era divulgar seu trabalho - que outros artistas começaram a se manifestar desta forma. Esses artistas, vistos como um grupo, recebeu o nome de “Caco de Vidro”, na década de 1990.

Realizar-se-há, aqui, um comentário sobre um poema de Moduan para revelar esse amor que ele tem pela arte. Heloísa Buarque de Hollanda o presenteou em seu livro *Literatura comentada – Poesia jovem nos anos 70* publicando seu texto:

## ENERGÉTICO

Arte é ter sensibilidade

Deixar correr uma lágrima  
Mesmo invisível  
Deixar cair a máscara  
Diante do público  
Sem representar  
Ser dono da emoção  
Que não se encontra em outro lugar.  
Arte é saber viver  
É se aproximar  
Sem saber amanhã  
Onde vai estar. (MATUS, 1992, p. 21)

Esse artista tende muito a escrever o que se pode denominar meta-poesia. Falar sobre aquilo que o levou a emoções extremas é algo constante em sua obra. No primeiro verso do poema, “Arte é ter sensibilidade”, demonstra sua forma de unificar as manifestações artísticas, como ele mesmo diz “Vejo poesia em tudo, não consigo separá-la da música, das artes plásticas, ou qualquer outra maneira de fazer arte”.

Já no cacófato surgido no texto, no trecho “arte é ter sensibilidade”, que pode ser lido como “arte éter”, o eu lírico revela sua criatividade, para usar um termo grego, utiliza sua “poiesis”, sua capacidade criativa. Assim, arte é volátil. Arte, éter, pelo viés da sensibilidade. No jogo semântico com o volátil, que se torna invisível, a palavra lágrima surge como ratificador da temática da sensibilidade inerente ao seu poema. O jogo poético evoca o jogo cênico. A máscara é o que separa (ou aproxima) a sinceridade, do que é falso. O eu lírico entende que “arte é vida”, mas não há apenas uma linguagem artística. Elas se misturam criando outras possibilidades de manifestações. Pode-se afirmar, a partir desse entendimento, que o poeta, além de viver, encena-se e, mais ainda, que está na sensibilidade e na multiplicidade artística o elo entre ser e não ser, na incógnita perene que é viver sem saber “onde se vai estar amanhã”.

Poder-se-ia comparar Moduan Matus a muitos outros autores da Baixada Fluminense. Não apenas pela influência que ele exerceu, ou exerce, mas também pela influência que o ambiente da Baixada exerce em seus autores. Assim como Moduan é um típico escritor Pós-moderno, eclético, multifacetado, com influências da poesia Marginal e de toda uma geração que viveu sob a repressão militar, principalmente dos anos 70, podemos observar em sua obra a presença da necessidade de tramitar pelas ruas de uma cidade que, pelos menos aparentemente, apresenta mais desgosto do que belas paisagens que inspirariam qualquer um que



tenha um mínimo de sensibilidade. Talvez seja a prova de que o poeta não precisa ser, necessariamente, aquele ser que necessita de uma fé bem edificada, ou de um ar pastoril, ou mesmo de um extremo da paixão. O poeta não precisa retomar a lição parnasiana da imitação do ourives, daquele que busca a perfeição formal. Basicamente é assim, buscando formas alternativas de expressão que se autoconstroem muitos poetas da Baixada Fluminense. Moduan escreveu poemas em um momento em que a liberdade de expressão estava vetada. O que se entendia por Literatura Marginal era a poesia desenvolvida por um grupo de autores de classe média, principalmente na capital fluminense, Rio de Janeiro, que reproduziam seus textos em um mimeógrafo. Esse grupo também era, por isso, denominado “Geração mimeógrafo”, pois suas obras não eram publicadas efetivamente por uma editora.

Ricardo Rodrigues tem muito em comum com Moduan, embora não se conheçam pessoalmente nem abordem o mesmo tema. Mas a rua é algo que podemos visualizar quando lemos ambos como ponto em comum. Realizar-se-á uma breve análise de um de seus melhores textos, que foi feito para seu filme *O mendigo*.

Esse poema, que se tornou a composição musical do filme, foi criado sobre o tema que mais atrai Ricardo e que podemos encontrar em tantos outros de seus textos, como se disse anteriormente: a rua. Nela se encontram alegria, tristeza, humildade, solidariedade, harmonia, conflito, soberba, enfim, questões básicas que compõem a vida do ser humano. É disso que ele precisa para compor sua obra, se aproximar, ver de perto as coisas acontecendo.

### O mendigo

Moço me dá uma esmola  
tô esquecido na rua  
e a vida me esfola  
quem sabe da minha vida é a lua  
que testemunha tudo o que sinto por dentro  
e já faz tempo, moço  
já faz tempo  
que eu roo o osso  
sonhando com um prato suculento  
(...)  
Moço me dá uma esmola  
não tenha medo  
eu não roubo, eu não mato, eu não cheiro cola  
não é nenhum segredo  
que eu sou um lixo social

mas preciso ser reciclado  
e ainda posso ser aproveitado  
ter um emprego, uma família, uma moral  
(...)  
Ei, moço! Ei, moça!  
Eu também tenho sonhos!  
Sonho acordado  
Sonho dormindo  
Estou num porta-retratos  
Barbeado, bem arrumado  
E sorrindo... (RODRIGUES, 2005, p. 37)

Nesse trecho do poema, a simplicidade na linguagem é um dos elementos que mais chama a atenção, juntamente com o trato com acontecimentos cotidianos, muitas vezes entendidos como corriqueiros, como ocorre com os conhecidos poetas marginais da década de 1970, lembrando aqui, Antônio Carlos de Brito (Cacaso), professor da PUC (Pontifícia Universidade Católica) e poeta ou o ainda vigoroso poeta Chacal, que viaja o país apresentando e discutindo poesia, dentre tantos outros. (Ver: ANOS 70: TRAJETÓRIAS, 2005)

A força da discussão que emana de “O mendigo” pode aumentar sua potência, caso se aproxime a condição do mendigo à do poeta, que muitas vezes não é percebido como tal e, praticamente, pede a “esmola da atenção”. Por esse viés, o mendigo e o poeta se assemelham, pela fome que este tem de expressar-se livremente. Simultaneamente, o eu lírico leva o leitor (espectador, no caso do filme) a refletir sobre o descaso diante dos atores sociais e dos atores culturais. Entendendo-se como integrante do “lixo social”, o eu-lírico que, em primeira pessoa assume a posição do mendigo, afirma necessitar ser reciclado. A ideia de reciclagem, marcante na sociedade contemporânea, é injetada em uma problemática existencial e social. A reciclagem não está apenas na reorganização de algo material, mas da própria visão dos seres humanos a respeito de si e dos outros. Está em jogo o convívio com a diferença, que nos remete a reflexões como as de Derrida sobre desconstrução e diferença (DERRIDA, 2002; 2004), em sentido amplo às discussões a respeito da pós-modernidade, que têm Jean Baudrillard um de seus principais estudiosos. (BAUDRILLARD, 1993; 1996)

Mas o que se apresenta como questão fundamental no poema citado, mais efetivamente, é a problemática inclusão social, que só pode vigorar sob a vigência da

liberdade, o que não era permitido no período da Ditadura militar. Essa afirmativa pode ser ratificada com o conhecido poema de Cacaso:

Minha terra tem palmeiras  
onde canta o tico-tico  
Enquanto isso o sabiá  
Fica comendo o meu fubá  
(...)  
Minha terra tem palmares,  
memória cala-te já  
Peço licença poética  
Belém Capital do Pará (BRITO, 2002, p. 15)

Cacaso, como se lê nesse trecho de seu poema “Jogos Florais”, alertava para o perigo de se contar o que a memória sabia (“memória cala-te já”), mas não podia contar. O sabiá, verde amarelo, representação da nacionalidade tradicional, era o que oferecia perigo. Sob a denominação de “Segurança Nacional”, todo um aparato repressivo ameaçava aqueles que ousavam desafiar a Ditadura. Slogans como “Brasil Ame-o ou deixe-o” eram menos lemas que ameaças. Era sob esse clima repressivo que as poesias de parte dos anos sessenta e oitenta e toda a década de setenta eram criadas.

## Conclusão

Como se pôde observar, no desenvolvimento do presente artigo, realizou-se uma rápida incursão em aspectos literários e identitários da região da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Vários comentários sobre movimentos, autores e obras da Baixada foram realizados com o intuito de abrir caminho para novas pesquisas acadêmicas, e a continuação da que aqui se inicia, acerca busca de possibilitar uma maior visibilidade das atividades culturais, com ênfase na literatura da Baixada Fluminense, no que diz respeito ao estudo de obras locais nas unidades escolares e, mais ainda, nas universidades. Além de divulgar alguns dos acontecimentos importantes e citar algumas obras e autores, realizaram-se sintéticas análises de textos, apontando para a relação das obras com o momento em que eram

escritas. Houve, assim, ênfase no período histórico da Ditadura Militar, com uma rápida remissão à literatura marginal, movimento em voga no período.

Dois poemas receberam maior atenção, o primeiro, de Moduan Matus e o segundo, de Ricardo Rodrigues. A relação entre o poeta, a arte e o momento vivido receberam destaque, por possibilitar uma reflexão acerca das identidades e da sensibilidade poética dos autores baixadenses. Com a intenção de continuar a empreitada analítica, o artigo, ao invés de encerrar aqui, ao contrário, dá ensejo ao início de um aprofundamento das pesquisas em torno da literatura da Baixada Fluminense, com ênfase nos escritos criados sob a Ditadura Militar.

### Referências Bibliográficas

ANOS 70: TRAJETÓRIAS. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2005.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BELOCH, Israel. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRITO, Antônio Carlos de. (Cacaso). *Lero-lero*, - Rio de Janeiro: 7 Letras e São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

DERRIDA. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

\_\_\_\_\_. *Impressões de Viagem. CPC, Vanguarda e desbunde, 1960/1970*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LEITE, Barboza. *A verdadeira História de Duque de Caxias*, 1984. s.r.

RODRIGUES, R. *Vidas obscuras*. Rio de Janeiro: Ed. KROART, 2005.

TORRES, Gênesis. (Org.) *Baixada Fluminense. A construção de uma História. Sociedade, economia e Política*. Duque de Caxias: Ed. IPAHB, 2004.

\_\_\_\_\_. *Em Busca da Memória*. Rio de Janeiro: WAK., 2003.